

Por que (não) registrar? A importância do registro como instrumento de reflexão na formação de professores

MERLI, Angélica de Almeida¹

STANGHERLIM, Roberta²

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi analisar a concepção de professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de São Paulo a respeito da utilização do registro na prática docente. À luz das contribuições de autores (FREIRE, 1983; WARSCHAUER, 1993; ZABALZA, 2004; FREIRE, 2009) que consideram o registro como um instrumento de reflexão na formação docente, realizou-se a análise de respostas levantadas por meio de um questionário com roteiro semiestruturado aplicado em maio/2013 com professoras que atendem crianças de 4 e 5 anos. Constata-se que o registro é realizado como mais uma atividade burocrática do trabalho docente e não como um instrumento que possibilita a reflexão sobre a própria prática. As professoras, em sua maioria, realizam registros como cumprimento de demandas burocráticas, o que compromete o uso destes como ferramenta de reflexão da prática docente. Tal burocratização é justificada, pelos docentes, devido à falta de tempo e ao elevado número de alunos atendidos. As professoras reconhecem a importância do registro reflexivo, mas as atribuições inerentes à prática pedagógica e a forma como o registro se faz presente no cotidiano escolar fazem com que este seja esvaziado de seu caráter reflexivo. Verifica-se que a prática do registro reflexivo poderia ser priorizada como tema de estudo nos espaços de formação inicial e continuada de professores, tendo em vista a sua importância na avaliação que os docentes podem fazer sobre o processo educativo.

Palavras-chave: Ação-reflexão-ação. Docência. Educação Infantil. Formação de professores. Práticas de registro.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE); Linha de Pesquisa e de Intervenção em Práticas Político-Sociais (LIPIPS); UNINOVE - São Paulo; email: angel.almeida@uninove.edu.br

² Doutora em Educação; professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE); Linha de Pesquisa e de Intervenção em Práticas Político-Sociais (LIPIPS) UNINOVE – SP; e-mail: roberta.stan@hotmail.com

Introdução

Com base nos estudos de autores (FREIRE, 1983; WARSCHAUER, 1993; ZABALZA, 2004; FREIRE, 2009) que tratam sobre as práticas de registro dos professores, procurou-se analisar os conteúdos do questionário semiestruturado respondido por 12 professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), localizada na zona sul da cidade de São Paulo. Assim, o objeto desta pesquisa são as concepções de docentes da educação infantil a respeito do uso do registro em sua prática pedagógica. As perguntas que orientam o questionário estão relacionadas às situações do cotidiano escolar em que os registros são realizados e com quais objetivos.

Sabe-se que os professores têm uma série de atribuições em sua prática pedagógica, incluindo registros do planejamento e das atividades desenvolvidas nas aulas, avaliação dos alunos, preenchimento de documentos como diário de classe e de livros com as atas dos encontros de formação em serviço³. Além disso, muitos docentes acumulam cargo, ministrando aulas em mais de uma escola e/ou classe, o que acaba ampliando o tempo de dedicação a essas atividades de registro. A questão que se coloca é a seguinte: os professores utilizam esses momentos de registro como algo meramente burocrático ou, ao contrário, como um tempo para refletir sobre a própria prática?

Nossa hipótese é que as inúmeras atribuições desempenhadas pelo professor e a forma como o registro é tratado no contexto escolar dificultam, ou até mesmo impedem que aconteçam momentos de reflexão sobre a prática, o que cada vez mais se faz presente no âmbito de um sistema de ensino que não valoriza o professor como sujeito que produz conhecimento, mas apenas como um executor de tarefas e como afirmam Guarnieri, Giovanni e Ayelo, “(...) os próprios professores passam a não considerar relevante o que têm a dizer” (2001, p. 10).

O que se observa é que os instrumentos de registro da e na prática escolar – planejamentos, diários, avaliações, etc. – são tidos pelos professores como algo desnecessário e como uma atribuição a mais. Mesmo sabendo da importância do

³ Na Prefeitura do Município de São Paulo os momentos de formação em serviço são denominados Jornada Especial Integral de Formação (JEIF).

registro como ferramenta de reflexão sobre as atividades desenvolvidas na prática pedagógica, os professores não têm o costume de fazer registros reflexivos e, muitas vezes, não são estimulados/orientados pela equipe gestora da escola a fazê-los nesta perspectiva. Ao contrário, prevalece a lógica do registro meramente burocrático. O que ocorre, portanto, é que os professores acabam se acostumando a registrar documentos como planejamento, diário de classe e avaliação dos alunos sem atribuir-lhes um caráter reflexivo.

Desse modo, não se toma o distanciamento necessário para que a própria prática possa ser revisitada pelo professor, inclusive, em diálogo com os demais atores escolares: professores, equipe gestora, estudantes, familiares e funcionários. Essas condições acabam não contribuindo com a tomada de consciência do professor sobre o registro como uma prática reflexiva.

A seguir serão apresentadas as análises elaboradas com base nos conteúdos extraídos do questionário. No primeiro momento faz-se uma caracterização do universo e dos sujeitos da pesquisa. Em seguida é realizada a discussão dos resultados obtidos, tendo sido organizados em duas categorias: registro burocrático e registro como instrumento de reflexão. Por fim, são trazidas as considerações finais do estudo.

Os sujeitos e o universo da pesquisa

A unidade escolar onde foi realizada a pesquisa possui 28 professoras e está localizada na zona sul de São Paulo. Atende cerca de 630 alunos na faixa etária entre 4-5 anos, em dois turnos de 6 horas/aula cada um. Participaram deste estudo 12 professoras que concordaram em responder o questionário com questões fechadas e abertas.

Das 12 professoras que entregaram o questionário, 11 atuam apenas em EMEI durante o ano letivo em curso e uma atua também no nível superior. Todas possuem curso superior, 3 fizeram magistério, 3 possuem especialização (latu-sensu) e uma possui mestrado. Sobre a graduação, 8 cursaram Pedagogia, 2 são formadas em Direito, 2 em Psicologia e 1 em Comunicação Social. Três professoras não responderam qual curso fizeram na graduação. Quatro docentes possuem 2 graduações (2 têm Pedagogia e Psicologia, 1 tem Pedagogia e Direito e 1 tem Pedagogia e Comunicação Social).

O questionário foi aplicado em um dos encontros de formação em JEIF, mas a maioria das professoras precisou de mais tempo para responder⁴, tendo entregado o mesmo no dia seguinte.

A burocratização do registro no cotidiano escolar

Algumas respostas dadas ao questionário evidenciam que as professoras têm consciência da importância do registro como instrumento de reflexão, mas as atribuições inerentes à prática pedagógica e a forma como o registro se faz presente no cotidiano escolar fazem com que os registros sejam esvaziados de seu caráter reflexivo.

A concepção de registro abordada na formação inicial apontada pela maioria das professoras foi a de que o mesmo é de suma importância para a revisitação e reflexão sobre a prática. No entanto, duas professoras destacaram que o registro pode se tornar apenas burocrático se não houver um objetivo, uma sistematização, e se o mesmo não for revisto por ninguém e ficar apenas arquivado.

Muitos registros feitos pelas professoras são instrumentos burocratizados que servem ao cumprimento de demandas presentes no cotidiano da escola, sendo, portanto, realizados de forma mecânica e repetitiva, sem o exercício da reflexão. Em contrapartida a esta prática burocratizada de registro Warschauer (1993, p. 35) afirma que, “A reflexão fortalece a individualidade e orienta a ação do professor em sentido inverso à padronização sugerida nos guias curriculares, sendo também instrumento de autoconhecimento”. Seria, no entanto, necessário que as diferentes formas de registrar, bem como os objetivos e situações de registro fossem objeto de reflexão no cotidiano escolar, de forma a evitar a padronização denunciada por Warschauer.

Ainda sobre a concepção de registro abordada na formação continuada, 5 professoras responderam que o mesmo tem caráter importante para revisitação e reflexão sobre a prática, mas eventualmente é meramente burocrático. Dentre estas, algumas trouxeram os comentários a seguir: “*Sabemos que o registro é importante dentro da nossa prática, mas às vezes fazemos registros que não se justificam e por este motivo se tornam burocráticos, pois aquilo que não tem função ou não é utilizado (sem importância) na minha opinião é burocrático*”; “*Percebo que eventualmente o registro*

⁴ O encontro de JEIF utilizado para aplicação do questionário teve duração de 1:30h.

tem teor burocrático, por exigência de órgãos superiores à escola, no entanto, não perde a característica de reflexão acerca da prática”; “Passo por várias escolas e percebo que algumas dão muita importância, outras nem sequer acompanham o trabalho do professor que dirá o registro”. Os comentários feitos pelas professoras refletem a presença do registro como instrumento burocrático que, muitas vezes, serve como recurso de controle da prática docente. Ao mesmo tempo, é evidenciada certa importância atribuída à natureza reflexiva que o registro poderia adquirir nas práticas escolares.

Além disso, apesar de reconhecerem a importância do registro para a reflexão sobre a prática, algumas professoras destacam a falta de tempo para a realização de registros reflexivos. Neste sentido, uma professora comenta que, “*O que às vezes parece inviável é o fato de dispormos de pouco tempo com qualidade para o registro, devido ao número de alunos*”⁵. Outra professora destaca que costuma fazer seu planejamento quinzenalmente, registrando as atividades a serem propostas, mas que em alguns momentos, dependendo do tempo, não registra e apenas realiza a atividade.

Sobre a forma como o registro se apresenta na prática cotidiana das professoras, apenas duas responderam que fazem o registro das atividades a serem aplicadas e, após a realização das mesmas, registram os resultados e revisitam o plano de aula. As demais utilizam o registro basicamente em duas situações: como planejamento do que será trabalhado e/ou como arquivo do trabalho realizado. Duas professoras apontam que o correto seria registrar o plano da atividade antes de aplicá-la, mas que nem sempre é isso que ocorre. Outra professora marcou como opção que realiza a atividade e depois registra apenas aquelas que “*(...) são bem relevantes*”.

Os principais documentos utilizados para tais registros são o diário de classe e o caderno onde as professoras registram as atividades desenvolvidas no dia. Ambos não são utilizados como forma de revisitar a prática e refletir sobre ela. Em alguns casos, os registros são feitos de forma aleatória, não havendo uma rotina definida para fazê-los ou critérios sobre o que e como registrar.

⁵ As salas da EMEI atendem à demanda de 35 alunos por turma. Neste caso, considera-se este número elevado, sendo um fator que não contribui com a qualidade da prática pedagógica.

Verifica-se que o registro é utilizado principalmente em duas situações: uma delas seria como planejamento da prática e a outra como descrição das atividades que foram realizadas. Em alguns casos, aplicam-se as atividades e só é feito o registro daquelas que o professor julga relevantes, ou que lhes são solicitadas. Observa-se que tal postura se relaciona com o tempo de experiência que as professoras têm no magistério. Elas sentem-se seguras em realizar as atividades, às vezes sem o planejamento, e muitas vezes sem revisitar os registros para analisar o que deu certo e o que precisa ser repensado em atividades futuras. Contudo, para Zabalza (2004, p. 27),

Parece evidente, hoje em dia, que a simples prática (o levar muitos anos desenvolvendo uma determinada atividade) não melhora substancialmente a qualidade do exercício profissional (...) o desenvolvimento profissional nos remete à necessidade de buscar instrumento de coleta e análise de informação referente às próprias práticas que nos permitam revisá-las e reajustá-las, se for preciso.

Quando as professoras são solicitadas a registrarem sua prática e questionam as propostas de registros, indicam que, na sua concepção, realizar a atividade independe de registrá-la e de refletir sobre a mesma. Geralmente tal questionamento tem como principal motivo o excesso de atribuições do professor. Além disso, muitas vezes, as professoras deixam de registrar e trocam experiências apenas oralmente. Tal postura é identificada por Warschauer (1993) ao afirmar que o professor a adota pelo fato de que a fala não compromete tanto quanto a escrita, já que esta gera maior vulnerabilidade às críticas o que, muitas vezes, afasta os docentes de tal prática.

A respeito da concepção de registro abordada na JEIF, uma professora considera que o mesmo é tratado nos momentos de formação como tendo caráter burocrático, justificando que, “*Na nossa JEIF em ‘alguns momentos’ acontecem essa trocas de experiências*”. O que é possível perceber no comentário desta professora é o fato de, mesmo nos momentos de formação, a burocratização presente no cotidiano escolar toma o espaço em que a reflexão sobre a prática deveria ser o foco. Portanto, seria necessário que outras formas de registro, além daquelas já presentes na escola, fossem discutidas e que uma proposta de utilização das mesmas fosse apresentada e colocada em discussão com o grupo docente, destacando-se a importância da prática do registro como instrumento de reflexão.

Com relação ao esquema de registro mais comum na prática, a maioria das professoras respondeu que utiliza o registro ao fazer o planejamento da atividade a ser aplicada e que, após a aula, registra-se o que foi feito no diário de classe e/ou no caderno de ocorrências/registro das aulas. No entanto, tais registros não são reflexivos, nem são revisitados constantemente para a análise da prática. Acabam se tornando descrições de aulas, apenas como forma de arquivar o que foi feito. Quando o professor faz uma lista das atividades desenvolvidas no dia, não significa que está refletindo sobre as mesmas, pois de acordo com Warschauer (1993, p. 35), a reflexão,

Consiste num re-pensar a ação pedagógica, num momento posterior a ela. Neste momento, o professor toma uma distância de seus atos e da realidade da sala de aula, de forma a distinguir-se do vivido para olhá-lo de uma forma particular.

As 12 professoras apontaram que utilizam planejamento, diário de classe, avaliação individual do aluno, agenda, ficha de ocorrência com alunos, registros das formações em JEIF e da Hora Atividade (H.A.)⁶. Estes mesmos registros são os mais citados quando as professoras se referem aqueles preenchidos por determinação da coordenação e/ou direção. Na questão sobre os registros preenchidos por necessidade do professor, os instrumentos apontados acima se repetem e as sondagens⁷ são acrescentadas por 11 professoras.

Os registros mais apontados como meramente burocráticos e sem efeito para a reflexão sobre a prática foram: livro de Hora Atividade, atas das reuniões de pais, diário de campo e ata das Reuniões Pedagógicas. O livro de Hora Atividade e a ata das Reuniões Pedagógicas são documentos que devem ser preenchidos como cumprimento de normas da rede municipal não sendo considerados pelas professoras como instrumentos que possibilitem reflexões sobre o trabalho docente. Não há a prática de fazer atas de reuniões de pais, pois são feitas pautas para as mesmas, o que já se considera suficiente como registro dos encontros. O diário de campo não é utilizado por nenhuma professora e 8 responderam que se recusariam a utilizá-lo, apresentando como argumentos para a recusa o número de alunos em sala, a falta de tempo, o atendimento

⁶Faz parte da jornada dos professores da rede municipal de ensino de São Paulo, o cumprimento de 3 horas/aula semanais, denominadas Hora Atividade (H.A.), que os docentes cumprem individualmente.

⁷ Algumas professoras realizam a sondagem, que consiste em aplicar atividades individualmente com os alunos, de forma a avaliar o nível de aprendizagem em que cada aluno se encontra com relação a determinados conteúdos.

de mais de uma classe por algumas professoras e o fato deste instrumento não ser condizente com a realidade da escola em que trabalham. Quatro professoras afirmaram que aceitariam a proposta de registro do “Diário de Campo” e escreveram que o fariam porque reconhecem sua importância como instrumento de reflexão e transformação da prática, mas que precisariam de tempo para isso e uma delas destacou que seria vista como “chata” pelo grupo por aceitar algo ao qual a maioria é contra.

Foi possível perceber que há falta de clareza a respeito do que é e para que serve o “Diário de Campo”, pois algumas professoras, enquanto respondiam ao questionário, perguntaram o que era e outras o apontaram como instrumento meramente burocrático, o que nos leva a entender que as mesmas não têm conhecimento do caráter reflexivo deste instrumento. Neste sentido, faz-se necessário discutir as possibilidades de reflexão a partir de diferentes instrumentos de registro, pois mesmo o diário de classe pode ser feito de maneira reflexiva e não apenas como descrições das aulas. Por outro lado, instrumentos como o “Diário de Campo” podem tornar-se burocráticos se utilizados apenas por determinação da escola e/ou rede, sem orientações e reflexões acerca de seu uso.

A maioria das professoras apontou que o registro possibilita a revisitação, a reflexão sobre a prática e a sistematização de atividades. Portanto, reafirma-se o fato de que as professoras reconhecem o valor reflexivo do registro, mas geralmente o utilizam apenas como forma de sistematizar e arquivar as atividades realizadas, de forma descritiva e sem a preocupação de revisitar os registros para rever a prática. Apontam como principais fatores que dificultam o registro reflexivo a falta de tempo⁸, o excesso de atribuições e a ênfase dada, por parte da escola ou do sistema de ensino, aos registros burocráticos.

O registro como instrumento de reflexão sobre a prática

Entende-se que a concepção das professoras a respeito do caráter reflexivo do registro pode estar associada à forma como este foi tratado em sua formação inicial, pois algumas responderam que o registro foi abordado como instrumento de suma

⁸ Quando não estão em sala de aula, as professoras participam da formação em JEIF e têm momentos em que se dedicam ao planejamento das atividades e ao preenchimento dos documentos de registro da prática docente. Portanto apontam que não há tempo para a realização de outros tipos de registro e que, na sala de aula, não é possível fazê-los devido ao número de alunos e ao fato de terem que estar atentas o tempo todo ao que ocorre durante as aulas.

importância para revisitação e reflexão sobre a prática e uma delas destacou que, “(...) a partir do registro é possível fazer a reflexão da ação, lançar novos desafios na prática ou ajustar o que não deu certo”. Outra professora escreveu, “Hoje, ao final de carreira, percebo que não consegui realizar como gostaria os registros da evolução e desenvolvimento dos meus alunos”.

De acordo com a maioria das professoras, na JEIF e em outros momentos de formação continuada, o registro é concebido como instrumento de suma importância para a revisitação e reflexão sobre a prática, sendo que algumas apontam a possibilidade que o mesmo oferece para refletir sobre o que é feito e saber o que é preciso mudar: “(...) refletir sobre os acertos e erros, o que é preciso mudar”; “Cada registro pode evocar novas práticas”; “O registro permite ao professor sistematizar sua reflexão e pode ser um guia; orientador de novas práticas fundamentadas na experiência do professor”.

No entanto, algumas professoras destacaram também o caráter flexível que o registro deve ter e assinalaram que a prática não necessariamente acontece conforme o que foi planejado e registrado, complementando: “Dentro das nossas aulas o registro não pode ser algo engessado, ou seja, para realizar uma atividade tenho um registro que pode ser modificado dependendo do que acontece dentro da aula”; “Durante o desenvolvimento de ‘certas atividades’ os alunos acrescentam dados ou fatos que se faz necessária a mudança do que foi planejado (tanto para mais como para menos)”.

Em outros casos, o registro e a prática são concebidos como interdependentes e indissociáveis; “Acredito que na educação se não houver esta interligação entre registro e prática fica difícil, pois ainda vejo o registro como um fator essencial para que o trabalho não se perca (fique vago)”, “Na minha concepção o registro e a prática estão atrelados e servem como apoio para o desenvolvimento do trabalho do educador”.

O registro como resumo de determinadas práticas foi apontado por 2 professoras que justificam: “Quando realizamos uma atividade, fazemos o registro, só assim veremos se realmente o que registramos era o que queríamos alcançar na realização”; “A prática acontece através de uma atividade planejada com objetivo, o registro serve

para reflexão dessa ação (ação-reflexão-ação)”. Duas professoras consideram que a prática é realizada a partir de um registro, levado a um novo que pode perfazer nova atividade. Uma delas considera que o registro tem função importante para arquivo das práticas desempenhadas e acrescenta, “Conforme a avaliação diária eu posso avançar meu trabalho ou não”. Para outra professora, “A prática pode, e deve, ser respaldada pelo registro. E o registro deve conter uma reflexão sobre a prática”, em seguida, comenta: “O registro oferece segurança e contribui para a prática docente, pois além de oferecer ‘previsibilidade’, garante a possibilidade de reflexão sobre a prática”.

A maioria das professoras (11) apontou que o uso do registro como forma de ação-reflexão-ação seria o ideal, destacando a necessidade de registrar o plano da atividade/aula, aplicar a atividade, registrar os resultados, refletir sobre estes, aplicar uma nova proposta e fazer o registro final. No entanto, apontam que a quantidade de alunos e a falta de tempo são entraves para que isso ocorra na prática já que o registro feito desta forma demanda maior tempo e dedicação por parte do professor. A falta de materiais para as aulas mais significativas é apontada como outro fator que desmotiva o professor a fazer o registro reflexivo. Contudo, ressalta-se que “Este registro reflexivo serve de base para o novo planejamento”. Uma professora apontou que o registro após a atividade é importante, pois “Sem o registro não tem como avaliar os resultados obtidos individual e coletivo dos alunos”.

A falta de tempo para dedicar-se à prática do registro reflexivo, feito de forma mais elaborada e detalhada, é apontada diversas vezes nas respostas da maioria das professoras. Diante disto, duas questões se colocam: se, apesar das demandas e atribuições inerentes à prática docente, as professoras encontram tempo para preencher os registros obrigatórios, será que também o fariam para escreverem registros reflexivos caso tivessem momentos de formação em que pudesse perceber a validade de tais escritos para mudanças e melhorias em sua prática? Será que se as professoras percebessem que, “(...) o próprio fato de escrever permite examinar, posteriormente, as atividades realizadas e identificar seus componentes, o que enfim redunda em um melhor conhecimento do realizado” (ZABALZA, 2004, p. 27), os registros reflexivos passariam a fazer parte do cotidiano desta unidade escolar? Entendemos que, para isso, seriam necessários planos de formação e de intervenção que possibilitessem às

professoras perceberem que “(...) a consciência é postulada como componente básico do fazer prático docente. Os professores serão melhores profissionais tanto quanto mais conscientes forem de suas práticas, quanto mais refletirem sobre suas intervenções” (ZABALZA, 2004, p. 23).

A equipe gestora e, principalmente, o coordenador pedagógico, tem papel fundamental na proposição da prática de registro que tenha como foco seu valor reflexivo, pois podem propor formações e momentos de discussão com o grupo docente que vislumbrem a possibilidade de usar os instrumentos de registro docente de maneira reflexiva.

O planejamento e a sondagem foram apontados como instrumentos de registro fundamentais à prática do professor na educação infantil, sendo que a sondagem foi destacada como instrumento que oferece ao professor dados sobre os alunos que irão direcionar o planejamento. O planejamento, na escrita de uma professora, “(...) *oferece segurança ao professor, sistematiza seu trabalho e ratifica a intencionalidade da sua ação*”. Para outra professora, “*O professor deve saber o que trabalhar com os alunos(...) para planejar é preciso conhecer os alunos e obterá isso através de sondagens e avaliações(...)*”. O relatório de avaliação individual do aluno, que é feito semestralmente, é apontado por uma professora como instrumento que “(...) *serves de espelho tanto para o professor atual quanto ao próximo que for trabalhar com a criança*”.

Considera-se necessária a avaliação de como o planejamento tem sido feito e a que tipo de informações as professoras recorrem para realizá-lo. De acordo com Warschauer (1993, p. 63), “(...) refletir sobre o passado (e sobre o presente) é avaliar as próprias ações, o que auxilia na construção do novo. E o novo é a indicação do futuro. É o planejamento”. As professoras têm consciência da importância de ter conhecimento do que os alunos já sabem ao fazerem o planejamento e que avaliar o que já foi feito e precisa ser mudado também é atitude necessária ao ato de planejar. Contudo, estas professoras não têm feito registros que possibilitem esta tomada de consciência de sua prática e aprimoramento das atividades ofertadas aos alunos.

Na escola onde foi realizada a pesquisa, muitas vezes as atividades de registro propostas aos alunos sobrepõem-se às outras atividades, como jogos e brincadeiras. Tal prática é justificada por algumas professoras pelo fato de conceberem o registro discente como forma de sistematizar as aprendizagens dos alunos. Ao responder uma questão que tinha como objetivo a reflexão sobre a importância do registro, tanto para o trabalho do professor quanto para a aprendizagem dos alunos, a resposta de uma das professoras foi: *“É indiscutível o fato de que o registro sistematiza o trabalho do professor e garante a intencionalidade de sua ação, além de ser um respaldo para o desenvolvimento do seu trabalho. É muito importante termos um registro feito pelo próprio aluno, mas é fundamental o registro feito pelo próprio professor, será neste momento em que ele vai refletir e elencar quais as possibilidades que uma brincadeira ou jogo oferecem para o desenvolvimento infantil”*. O comentário feito por esta professora sinaliza que a mesma reconhece o caráter formativo do registro não apenas para o aluno, mas também para o docente.

A respeito do registro discente, podemos considerar o que Freire (1983, p. 68, grifos da autora) descreve como lição, trazendo reflexões acerca do que é lição para as crianças e o que é lição para ela enquanto professora que faz registros diários de sua aula. A autora escreve,

A lição é o “diário” do que as crianças vivem em classe, todos os dias. Assim como eu, todos os dias, paro e escrevo o meu diário, o que fiz, refleti sobre o que vivemos e, assim, aproprio-me do meu FAZER cotidiano, a lição para as crianças é o registro do que VIVERAM OU ESTÃO VIVENDO, é apropriar-se da sua prática diária. E por isso a lição “não cai do céu”, não é pura repetição de exercícios mecânicos – alienados da vida das crianças.

A autora destaca que o registro é importante não só para os alunos, mas também para os professores. Tal aspecto não se mostra tão claro para a maioria das professoras da escola onde se realizou a presente pesquisa, tendo em vista que estas valorizam o registro dos alunos, as lições que lhes dão, mas tal valorização nem sempre perpassa os registros docentes. As professoras justificam a necessidade de propor aos alunos atividades de registro que sistematizem conteúdos/conceitos trabalhados, mas quando solicitadas a registrarem sua prática, sistematizando a mesma e utilizando o registro como instrumento que possibilita a reflexão, apresentam resistência, pois a prática de

register no cotidiano escolar tornou-se burocrática, impedindo que os docentes percebam as possibilidades de reflexão e de formação de tal prática.

Ocorre, portanto, que a prática docente, muitas vezes, permanece apenas no plano oral, as professoras conversam sobre o que pensam trabalhar com os alunos e sobre o que foi trabalhado, em alguns momentos até mesmo refletindo sobre estas questões, mas nem sempre registram o planejamento da prática e seus resultados. Para Freire (2009, p. 47) tanto a oralidade quanto a escrita devem ser valorizadas e nesse sentido o autor afirma: “É necessário, então, que aprendamos a aprender, vale dizer que, entre outras coisas, demos à linguagem oral e escrita, a seu uso, a sua importância que lhe vem sendo cientificamente reconhecida”.

Freire (2009) enfatiza a importância de o professor vencer o medo de escrever, de registrar, de expor suas ideias, tornando-se, assim, autor e assumindo a autoria de seu pensamento e do conhecimento que constrói em sua prática.

Quando o professor faz o registro da atividade, da sua prática, de observações a respeito do desempenho dos alunos e compartilha seus registros com o grupo, cria-se o que Freire (2009, p. 47) chama de experiência dialógica, pois o autor considera a leitura em grupo como possibilidade de diálogo,

(...) em que a discussão do texto realizada por sujeitos leitores esclarece, ilumina e cria a compreensão grupal do lido. No fundo, a leitura em grupo faz emergir diferentes *pontos de vista* que, expondo-se uns aos outros enriquecem a produção da inteligência do texto.

Ao registrar o professor está sozinho, olhando para sua prática a partir do distanciamento que toma dela. Mas quando compartilha seus registros com o grupo, abre-se a possibilidade de trocas, de reflexão e de mudanças na prática. O registro como instrumento de reflexão, distanciamento da prática e tomada de consciência desta é o pressuposto teórico no qual se embasou a presente pesquisa.

Considerações finais

A análise das respostas ao questionário evidencia que, embora as professoras tenham consciência da importância do registro como instrumento que possibilita a reflexão sobre a prática, contribuindo com a formação docente, os registros utilizados

pela maioria das professoras são aqueles que se tornaram burocratizados e que são solicitados pela escola ou rede onde a mesma está inserida. Tais registros têm caráter descritivo das atividades a serem realizadas – na forma do planejamento – ou daquelas que foram aplicadas – registros em diário de classe, ou em cadernos específicos para este fim.

Tal situação parece ocorrer, em grande parte, pelo fato de as professoras terem seu tempo preenchido pelas atribuições inerentes à sua função, que envolve, dentre outras demandas, o preenchimento de registros que, devido ao caráter burocrático que assumiram no cotidiano escolar, perderam seu valor reflexivo. Tais documentos, geralmente, não trazem reflexões sobre a prática e, muitas vezes, ficam arquivados sem que ninguém os revisite para repensar a ação docente e buscar as mudanças que, por vezes, se fazem necessárias. Há, portanto, um conflito entre aquilo que as professoras julgam importante registrar e aquilo que de fato registram em sua prática cotidiana.

Nesse contexto, torna-se necessário que os programas de formação (inicial e continuada) de professores abordem o uso do registro sob uma perspectiva reflexiva, ou seja, “(...) é na operação de ‘tomar distância’ do objeto que dele nos ‘aproximamos’. A ‘tomada de distância’ do objeto é a ‘aproximação’ epistemológica que a ele fazemos” (FREIRE, 2009, p. 128). Assim, o caráter reflexivo do registro seria abordado no cotidiano escolar de forma a torná-lo uma prática inerente ao trabalho docente.

Fatores como o número de alunos em classe e a falta de tempo para o registro mais detalhado da prática docente foram apontados como obstáculos à prática do registro reflexivo. A este respeito seria necessário discutir possíveis alternativas para que não ocorra o que Freire (2009, p. 121) interpreta como “(...) imobilidade produzida ou não por motivos fatalistas, funciona como eficaz ação em favor das injustiças que se perpetuam, dos descalabros que nos afligem, do retardamento de soluções urgentes”.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas, sim, de contribuir com reflexões acerca do uso do registro na escola. Pretendeu-se, portanto, fortalecer o debate sobre a relação entre o registro e a reflexão da e na prática pedagógica, vislumbrando a possibilidade de mudanças, especialmente no que diz respeito à concepção e às práticas docentes na educação infantil.

Referências

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo:** relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 1. ed. – São Paulo: Olho d'Água, 2009

GUARNIERI, Maria Regina; GIOVANNI, Luciana Maria & AYELO, Ana Lúcia. **Identificando mudanças na atuação docente a partir da prática de elaboração de registros pelos professores.** Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, 24^a Reunião Anual, Caxambu, 2001. Disponível em www.anped.org.br/reuniões/24/tp.htm - Acesso em 30/05/2013

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro:** uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004